

Emergência sem precedentes

Relatório da ONU, divulgado no segundo dia da COP28, destaca os estragos da seca prolongada causada por ações humanas. A África, que emite apenas 3% dos gases de efeito estufa, é a região do planeta mais afetada

» PALOMA OLIVETO

Catástrofe climática silenciosa, a seca induzida por ações humanas coloca a Terra em uma “emergência sem precedentes”, com impactos que “apenas começam a se manifestar”, alertou um relatório divulgado ontem pela Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (UNCCD) na COP28, a 28ª Conferência do Clima, em Dubai, nos Emirados Árabes. O documento reúne dados dos últimos dois anos e aponta que “pouco ou nenhum perigo ceifa mais vidas, causa mais perdas econômicas e afeta mais setores da sociedade que a seca”.

“Ao contrário de outras catástrofes que atraem a atenção pública, as secas acontecem em silêncio, muitas vezes passando despercebidas, não conseguindo provocar uma resposta política imediata”, lamenta Ibrahim Thiaw, secretário-executivo da UNCCD. “Esta devastação silenciosa perpetua um ciclo de negligência, deixando as populações afetadas suportando, sozinhas, o fardo.”

Ressaltando que espera que o documento sirva de alerta a negociadores e tomadores de decisões da COP28, Thiaw destaca que a estiagem prolongada afeta diversos aspectos socioambientais. “Com o aumento da frequência e gravidade dos eventos de seca, à medida que os níveis dos reservatórios diminuem e os rendimentos das colheitas caem, continuamos a perder diversidade biológica e a fome se espalha, é necessária uma mudança transformacional.”

Agropecuária

Entre os dados compilados pela ONU, a situação da bacia do Rio Prata, entre Brasil e Argentina, é destacada. Segundo o documento, em 2022, a estiagem foi a mais severa dos últimos 78 anos, o que reduziu a produção

Mwangi Kirubi/Divulgação



Fazendas cercadas por terras áridas na vila de Kangirega, condado de Turkana, no Quênia, em 23 de março de 2022

Palavra de especialista

Problema social

Um número três vezes maior de pessoas poderiam ser afetadas pela seca, se o aquecimento global ultrapassar os 2°C. Aqui no Brasil e em outras florestas, como nas da Espanha e Portugal, a combinação do calor com a seca aumenta o risco de incêndios, e, na Amazônia, essa seca pode levar a um processo de desertificação a longo prazo. A seca não é um problema

só climático, mas também social. É claro que a probabilidade de morrer em inundações e enchentes é muito maior, mas o número de pessoas afetadas pela seca é muito mais elevado. Entre as medidas que serão propostas na COP é importante que se fale de fundos para financiamento de terras degradadas pela seca.

Jose A. Marengo, climatologista, coordenador geral de pesquisa e desenvolvimento do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais

de alimentos e afetou os mercados agrícolas globais. O engenheiro florestal André Ferretti, analista de projetos ambientais da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, que integra o Observatório do Clima, lembra que a desertificação afeta um dos principais motores da economia brasileira. “A desertificação acaba

resultando em sérios problemas econômicos para região e para o país também, além de impossibilitar ou reduzir drasticamente a produção agropecuária, impactando o PIB (produto interno bruto)”, diz Ferretti.

O relatório da ONU mostra que, no ano passado, 630 mil quilômetros quadrados, o

equivalente às áreas combinadas de Itália e Polônia, foram impactados pela seca na Europa. Foi a estiagem mais grave no continente em 500 anos, diz o documento, citando dados do Fórum Econômico Mundial. Em decorrência desse extremo climático, 70% das culturas de cereais foram danificadas no Mediterrâneo entre 2016 e 2018.

No continente africano, o relatório aponta a insegurança alimentar seguida da queda de produtividade agrícola na Etiópia, no Quênia e na Somália, que, em 2022, registraram a pior seca em quatro décadas. As perdas econômicas da África diretamente associadas à estiagem nos últimos 50 anos foram estimadas em US\$ 70 milhões.

Gestão sustentável e restauração do solo; práticas agrícolas positivas para o meio ambiente, como culturas resistentes, métodos de irrigação mais eficientes e outras práticas de conservação do solo são algumas medidas urgentes citadas no documento. “A preparação para catástrofes e os sistemas de alerta precoce

também são essenciais para a resiliência global à seca. Investir na monitorização meteorológica, na coleta de dados e em ferramentas de avaliação de riscos pode ajudar a responder rapidamente às emergências de seca e minimizar os impactos”, diz o relatório.

Discursando ontem na COP28, o presidente do Quênia, William Ruto, destacou os impactos negativos da seca no Chifre da África, seguida, agora, por chuvas torrenciais. “Inundações catastróficas se seguiram rapidamente à seca mais severa que a região viu em mais de 40 anos. Evidências científicas ligam clara e fortemente estes eventos climáticos extremos ao clima induzido pelo homem”, lembrou. “Estudos indicam que as secas são agora pelo menos 100 vezes mais prováveis em algumas partes da África do que eram na era pré-industrial.” Apesar de sofrer os efeitos das alterações climáticas, o continente produz menos de 3% do CO2 lançado anualmente na atmosfera.

* Colaborou Isabella Almeida

Dia de discursos

Em um dia mais político que decisório, a COP28, a 28ª Conferência do Clima das Nações Unidas, em Dubai, recebeu chefes de Estado e de governo, que pediram celeridade na adoção das medidas para fazerem valer o Acordo de Paris. Além do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, líderes como o francês Emmanuel Macron e o rei Charles III, da Inglaterra, insistiram em pontos-chave, como financiamento e transição energética.

Macron pediu às potências ocidentais que abandonem o carvão até 2030, para “dar um exemplo” ao restante do mundo. “Continuar investindo no carvão é um verdadeiro absurdo quando se trata do objetivo de combater o aquecimento global, e é por isso que devemos iniciar uma mudança absoluta para abandonar completamente o seu uso”, disse.

O presidente ressaltou especialmente o papel do G7, do qual a França faz parte, lembrando que o país fechará a última central elétrica movida a esse combustível em 2027. O francês, porém, também citou a China. “O G7 tem uma grande responsabilidade, assim como a China, que é hoje o segundo país emissor histórico e que, portanto, mudou de alguma forma o seu status”, destacou.

“Peço de todo coração que a COP28 seja uma guinada decisiva para uma ação transformadora decisiva”, discursou o rei Charles III. “A Terra não pertence a nós, nós pertencemos à Terra”, acrescentou o monarca. António Guterres, secretário-geral da ONU, também discursou, afirmando que o mundo está “a quilômetros de distância” de cumprir com o Acordo de Paris, mas insistiu que ainda há tempo. “Se agirmos agora, podemos prevenir o colapso planetário.” (PO)

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Segunda-feira, 27 REDUÇÃO DA AIDS NA ÁFRICA DO SUL

Um dos países do mundo mais castigados pelo HIV, a África do Sul registrou sua primeira queda significativa do número de pessoas infectadas, segundo o Human Sciences Research Council (HSRC), um instituto público de pesquisa. De acordo com os especialistas, a porcentagem de sul-africanos portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) caiu 1,3% entre 2017 e 2022, passando de 14% para 12,7% da população. O levantamento, realizado com 76 mil pessoas, aponta que em 2022 cerca de 7,8 milhões dos 62 milhões de sul-africanos eram portadores do vírus, frente aos 7,9 milhões de 2017, data da última pesquisa. As razões dessa queda são complexas, destacou Khangelani Zuma, diretor do HSRC e autor principal do estudo. Entre as explicações possíveis, ele citou o papel da pandemia do coronavírus, que ocorreu durante os cinco anos que separam as duas pesquisas. Zuma disse ainda que “as pessoas vivem com o HIV mais tempo do que antes”, sobretudo graças ao uso crescente da terapia antirretroviral, que mudou radicalmente as perspectivas dos infectados.

LUIS TATO



Terça-feira, 28 MUDANÇA CLIMÁTICA DEIXA MILHÕES DE CRIANÇAS FAMINTAS

No ano passado, fenômenos meteorológicos extremos, como secas e inundações, fizeram mais de 27 milhões de crianças passarem fome em 12 países que estão entre os mais vulneráveis às mudanças climáticas. Isso representa um aumento de 135% com relação a 2021, segundo uma análise de dados publicados pela organização britânica ONG Save the Children, às vésperas da COP28, a conferência da ONU sobre o clima, em Dubai. De acordo com o levantamento, as crianças são quase a metade das 57 milhões de pessoas em situação de crise alimentar no ano passado. E aproximadamente 50% delas vive na Etiópia e Somália, detalhou a Save the Children. “À medida que os eventos meteorológicos relacionados ao clima se tornam cada vez mais frequentes e extremos, veremos consequências cada vez mais brutais na vida das crianças”, alertou a diretora-geral da organização, Inger Ashing.

Quinta-feira, 30 A SAGA DOS URSOS POLARES

Uma pesquisa realizada por pesquisadores da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, destaca que os ursos polares na Groenlândia foram forçados a adaptar drasticamente sua alimentação e seu habitat devido às mudanças climáticas, mostrando grande flexibilidade. Um estudo dos genomas desses predadores do Ártico mostrou que, desde o fim da última glaciação, há 12 mil anos, esses animais foram obrigados a se deslocar mais para o norte. “Quando as temperaturas aumentaram, as placas de gelo flutuantes diminuíram, reduzindo o habitat dos ursos polares”, assinalou Michael Westbury, coautor do trabalho publicado na revista *Science Advances*. No início do período interglacial, o aumento das temperaturas também provocou



Steven C. Amstrup/Divulgação

uma diminuição na população de ursos, constataram os cientistas. No entanto, apesar das preocupações, Westbury afirma que os ursos polares estão relativamente bem. “Eles podem ser mais adaptáveis do que pensávamos antes. É mais uma surpresa”, acrescentou.

Sexta-feira, 1º FEIJÃO, UM ALIMENTO PODEROSO

Cientistas do Centro de Câncer MD Andersons, da Universidade do Texas, nos Estados Unidos, descobriram que incluir o feijão marinho, um tipo de feijão branco, na alimentação de pessoas que tiveram câncer colorretal, colabora com a saúde intestinal do paciente. Segundo o artigo, divulgado na revista *eBIOMedicine*, o alimento modula marcadores ligados à obesidade e doenças. Além disso, ao adicionar uma xícara do grão diariamente às suas refeições regulares, os voluntários observaram mudanças positivas no microbioma do intestino, o que está associado à prevenção do câncer e melhores resultados do tratamento.